

Altar romano encontrado em Braga

Helena Carvalho

José d'Encarnação

Manuela Martins

Armandino Cunha

Introdução

Este trabalho dá conta do achado de um altar romano, encontrado na área urbana de Braga, cujo excepcional interesse e qualidade justificam a sua rápida divulgação, oportunidade que nos foi gentilmente concedida pelo Dr. Henrique Barreto Nunes, uma vez que se encontrava ainda no prelo o número 40 da revista *Forum*, referente ao ano de 2006.

O achado ocorreu no dia 29 de Março de 2007, durante as obras para implantação dos alicerces de um edifício na Quinta das Hortas, freguesia da Sé, local que se situava fora da área urbana da cidade romana de *Bracara Augusta*, correspondente à sua periferia imediata, onde vêm sendo referenciados vários equipamentos relacionados com a ocupação romana.

O monumento foi encontrado na base de um profundo desaterro, a cerca de 8 metros de profundidade, no limite do terreno destinado a construção, tendo sido removido pela máquina. A espessa sedimentação existente no local resultou de um intenso aterro recente, realizado, provavelmente, durante os trabalhos de urbanização das ruas adjacentes. Todavia, o monumento deveria estar integrado numa camada, que se observa

imediatamente sobre a rocha, a qual apresenta numerosos fragmentos de tégulas e alguma cerâmica comum romana, facto que permite admitir que pudesse corresponder tanto ao revolvimento de um antigo estrato romano, como ao abandono de um eventual nível de ocupação.

Recolhida pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga, a peça encontra-se já depositada no Museu D. Diogo de Sousa, de cuja exposição permanente irá certamente fazer parte.

Descrição da peça

O altar identificado corresponde a uma peça cilíndrica, em forma de coluna, com capitel e base decorados e fuste liso, no qual se encontra gravada uma inscrição.

De granito de grão médio, com abundantes fenocristais de feldspato, está em bom estado de conservação, apresentando apenas leves escoriações em parte da zona inferior e na moldura do capitel, no lado oposto ao da inscrição. A máquina provocou-lhe um rasgo ligeiro, que atravessa toda a peça e que afectou superficialmente a letra M.

Apresenta molduração similar na base e no capitel, o que ajuda a conferir-lhe harmonia e regularidade. Assim, o capitel possui dois toros separados por ranhura a que se segue moldura de gola directa. Na base, existe uma moldura de gola reversa, seguida de dois toros simétricos ao do capitel. Sobre a molduração do capitel, que é perfeitamente circular, foram esculpidos dois toros lisos como que assentes num “estrado” quadrado de 32 cm de lado. Os toros – com 5,5 cm de altura – têm, por seu turno, um cordão (astrágalo) longitudinal de cada lado, a dar ideia de que assenta numa outra estrutura propositadamente feita para os receber, deixando, porém, a meio, um espaço relativamente amplo (de 14 cm de um a outro). Por conseguinte, não existe fóculo, como nas aras. Tal espaço, levemente côncavo, destinava-se, por certo, a receber ofertas que, porventura, não implicassem derrame de líquidos. Esta superfície apresenta nas extremidades um ligeiro desgaste, que não afectou as extremidades dos toros. Não encontramos, por enquanto, paralelos para este tipo de ‘ornamentação’, cuja graciosa estilização surpreende.

O mais surpreendente, porém, é que a peça exibe uma inscrição localizada na parte superior do fuste, em campo epigráfico obtido por rebaixamento da superfície e delineado, assim, por uma *tabula ansata*, em cujo interior é possível observar, aqui e além, vestígios de polimento. Aliás, trata-se de uma *tabula ansata* (9,6x46), de forma não muito corrente, pois que os lados são reentrantes, em V, e é do vértice desse V que partem as ansas, em jeito de cauda de andorinha.

Dimensões: altura – 73,5. Diâmetro – capitel: 46; fuste: 31; base: 47.

Campo epigráfico: 8 x 36.

Leitura: SACRVM

Tradução: Consagrado.

Altura das letras: 7/7,5.

Inscrição perfeitamente enquadrada na moldura, de caracteres bem gravados, embora não completamente regulares. Aproximam-se alguns do tipo monumental quadrado, como é o caso do C e do M; S de traçado simétrico, ainda que mal definido na terminação final; o R parece ter escapado à intenção de um desenho regular, descaindo obliquamente, o que pode explicar-se, talvez, pela presença de um megacristal de feldspato que dificultou a gravação – foi feito a partir de um P; V estreito; A de vértice levemente prolongado.

Contexto arqueológico

Dadas as suas invulgares características, este monumento reveste-se de grande importância no âmbito do estudo do processo fundacional da cidade romana de *Bracara Augusta*, bem como daquele que se encontra associado à ocupação e organização do seu território envolvente. Sendo impossível, de momento, proceder a escavações arqueológicas nos terrenos contíguos ao local do achado, que nos pudessem fornecer um contexto arqueológico mais preciso, podemos, contudo, tentar enquadrá-lo no âmbito dos dados disponíveis sobre as áreas imediatamente adjacentes.

O local do achado situa-se a cerca de 500 metros a noroeste da cidade romana, tomando como referência o limite do perímetro urbano, definido pela cintura de muralha tardia conhecida.

Aproximadamente 400 m a norte, num outeiro ladeado por um talude, num sítio conhecido com o nome de Coturela, deveria existir uma *villa* romana, atendendo à natureza e abundância dos vestígios, quer arquitectónicos, quer cerâmicos referenciados como procedentes do local (Fontes 1993, nº82). O local, entretanto arrasado por intensos trabalhos de urbanização do bairro das Parretas, parece corresponder à “villa Pascasi” referida na delimitação do termo de Dume, em 911 (Costa 1965:38-40).

A sul, em terrenos do Mosteiro da Visitação, foram feitas escavações, que levaram à identificação de caminhos vicinais ou *viae privatae*, datados também de época romana. Os mais importantes dispõem-se ortogonalmente, com uma orientação que coincide com os eixos de *Bracara Augusta*; o mais extensamente escavado poderia conduzir às *villae* de Coturela e de S. Frutuoso de Montélios ou servir-lhes de limite a oeste (Lemos 2002:115-122).

Finalmente, importa referir que o local se encontra muito perto da passagem da via XIX, que ligava *Bracara Augusta* a *Lucus Augusti*, qualquer que seja a hipótese, ainda por esclarecer, acerca do seu percurso nesta zona de saída da cidade.

O achado deste monumento vem comprovar, mais uma vez, a intensa ocupação do território envolvente da urbe romana. Para além das referências escritas a equipamentos diferenciados, os acompanhamentos ou escavações mais recentes têm vindo a demonstrar a existência de pequenos estabelecimentos, normalmente associados a uma densa rede de caminhos romanos (Lemos 2002).

Ultrapassa-se, assim, a imagem “lisa” de um centro urbano (*Bracara Augusta*), dotado de uma rede de caminhos principais, num espaço quase deserto. Uma outra imagem, que configura a existência de um espaço densamente ocupado, mais complexa porque mais próxima da realidade, obriga naturalmente a uma atenção redobrada relativamente à urbanização da área envolvente da cidade.

Significado

Estamos perante um monumento que nos diz muito no que respeita ao grau de romanização da cidade de *Bracara Augusta* e do seu território rural, mas que levanta uma série de questões interpretativas. Antes de mais, a inscrição: «consagrado»...a quem?

A ausência de um teónimo ou, mesmo, de um qualquer antropónimo (na hipótese de estarmos perante uma manifestação do culto imperial) indica que «consagrado» é o altar e, conseqüentemente, o espaço em que ele está inserido. Isto é: aí se veneravam divindades, sem que se especificassem os seus nomes e características. Assinala-se, pois, um local de culto. E não valerá a pena demorar-nos em elucubrações, pois que desconhecemos por completo o contexto original em que o altar se incluiu. Poderemos, sem dúvida, sabendo que estaria fora dos muros da cidade, em contexto rural, associado a *tegulae*, aventar a hipótese de que faria parte de um pequeno templo, um *fanum*, dotado de eventual estrutura em madeira e coberto de telhas. Palco de cerimónias periódicas, em determinadas épocas do ano, ou testemunho de dádivas para que, nos caminhos de entrada ou de saída, os viandantes fossem protegidos pelas divindades das suas devoções (e, por isso, a nenhuma em especial aí se fazia referência)...

Ocorrem-nos, de momento, três dados passíveis de complementar estas ideias.

O primeiro refere-se à ara dedicada aos deuses Lares, de que recentemente se deu notícia (Cunha, Encarnação e Lemos 2005), achada numa das saídas de *Bracara Augusta*. Aí, como se disse, se homenageariam essas divindades com libações, de que restavam vestígios no próprio fóculo.

O segundo, o altar dedicado por *C. Fabius Viator* à divindade indígena *Tabudicus*, procedente de Murtede, Cantanhede: tem forma cilíndrica também, uma grinalda ‘aconchega’ o texto da dedicatória e, na parte superior, hoje nada se observa de eventual ornamentação primitiva¹. Não nos custa crer que pudessem ter existido ali toros estilizados, como os que se mostram no monumento que nos ocupa; apesar de tudo, a semelhança entre os dois monumentos não deixa de ser... interessante.

Finalmente, uma árula (12 x 8 x 8) de Clúnia, que apareceu sobre o pavimento da cozinha da casa nº 1, também tem apenas como inscrição SAC(*rum*)². Neste caso, estaremos, sem dúvida, perante uma oferta a ser incluída no larário familiar, deduzindo-se da omissão do nome de qualquer divindade a intenção de honrar aquela de quem, no momento, se necessitasse ajuda (Encarnação 1985-86). E o lugar estaria consagrado, porque seria o sítio habitual da oração da família.

Temos, portanto, em níveis diferentes – o familiar, o pessoal e o colectivo – a mesma vontade de sacralizar um espaço propositadamente dedicado ao culto. Será o altar de Braga um altar fundacional, o primeiro gesto que os habitantes aí estabelecidos decidiram fazer? Não se nos afigura despicienda essa hipótese, atendendo ao que sabemos do espírito religioso romano e, por outro lado, às indicações precisas por parte dos agrónomos (por exemplo) de que, antes de se iniciarem tarefas agrícolas ou outras, se honram os deuses locais. Desconheceriam os colonos recém-chegados – pela paleografia, o monumento afigura-se-nos ser dos primórdios do século I da nossa era – que divindades eram essas. Omitiram, pois, o seu nome, na certeza de que, desta sorte, a todos contemplariam.

O achamento de monumentos semelhantes quer na Península Ibérica quer noutras partes do mundo romano – nomeadamente se encontrados no seu contexto original, o que, tanto quanto sabemos, aqui não aconteceu – poderá trazer mais luz sobre o verdadeiro significado e alcance deste monumento que ora nos apressamos a dar a conhecer, mesmo sem uma pesquisa mais aturada, na certeza do interesse que há em o divulgarmos, desde já, na comunidade científica.

Notas

¹ Vide, a propósito da possível relação deste monumento com a rede viária, o comentário que José d'Encarnação exarou em *Conimbriga* 35 1996 224-225

² Agradecemos ao Dr. Angel A. Jordán as informações que nos deu acerca deste monumento, inclusive o seu actual paradeiro (Museo Arqueológico Provincial de Burgos, inv. geral nº 240) e bibliografia: ERClun 26 = HEp 2, 94

* Fotografias de M. Santos do Museu D. Diogo de Sousa (Braga).

Bibliografia

COSTA, A. J., *Liber Fidei Sanctae Bracaraensis Ecclesiae*, I, (ed. crítica), Braga, 1965, 38-40.

CUNHA, A.; J. ENCARNAÇÃO e F. S. LEMOS, «Ara aos *Lares Viales*, de *Bracara Augusta*», *Forum* 37 (Jan-Jun 2005), p. 147-155.

ENCARNAÇÃO, J. «Omissão dos teónimos em inscrições votivas», *Veleia*, 2-3 1985-1986, p. 305-310.

ERClun = PALOL (Pedro de) e VILELLA (José), *Clunia II. La Epigrafía de Clunia*. Madrid, 1987.

FONTES, L., «Inventário de sítios e achados arqueológicos do concelho de Braga», *Mínia*, nº 1, 3ª série, 1993, nº 82.

HEp = *Hispania Epigraphica*, Madrid. [nº 2, 1990].

LEMOS, F. S., «*Bracara Augusta* – a grande plataforma viária do Noroeste da *Hispania*», *Forum*, 31, Jan-Jun 2002, 115-122.

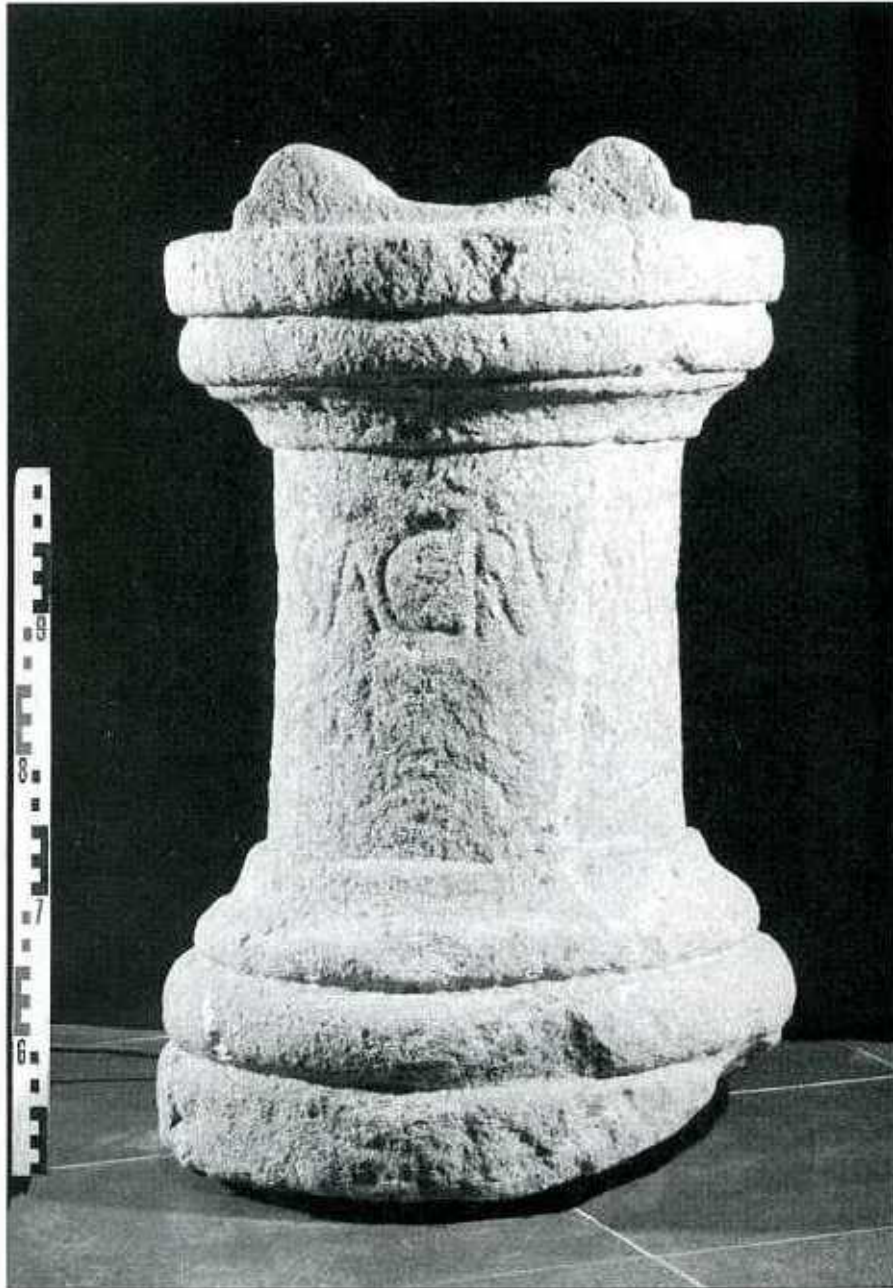


Fig. 1 – Altar votivo.

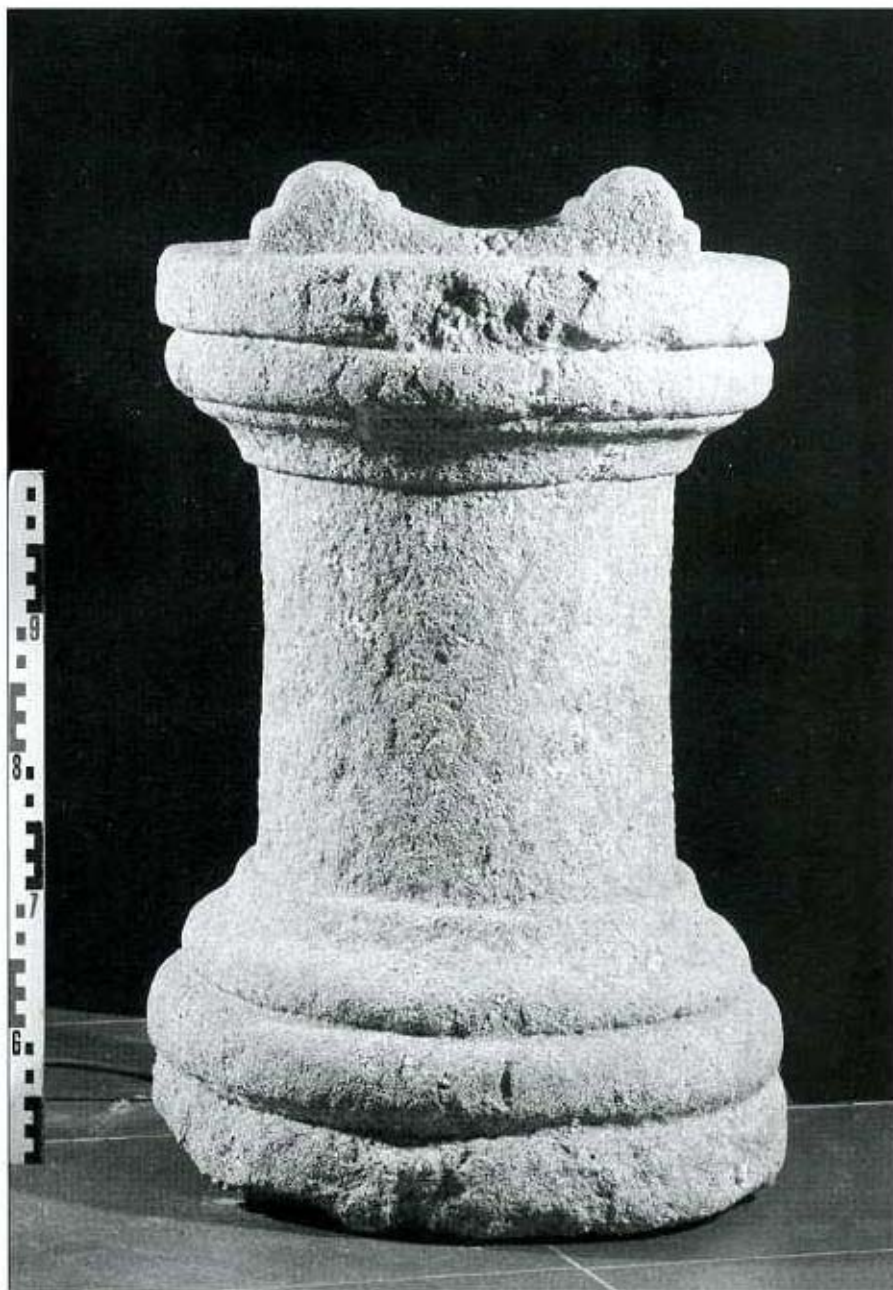


Fig. 2 – Parte posterior do monumento.

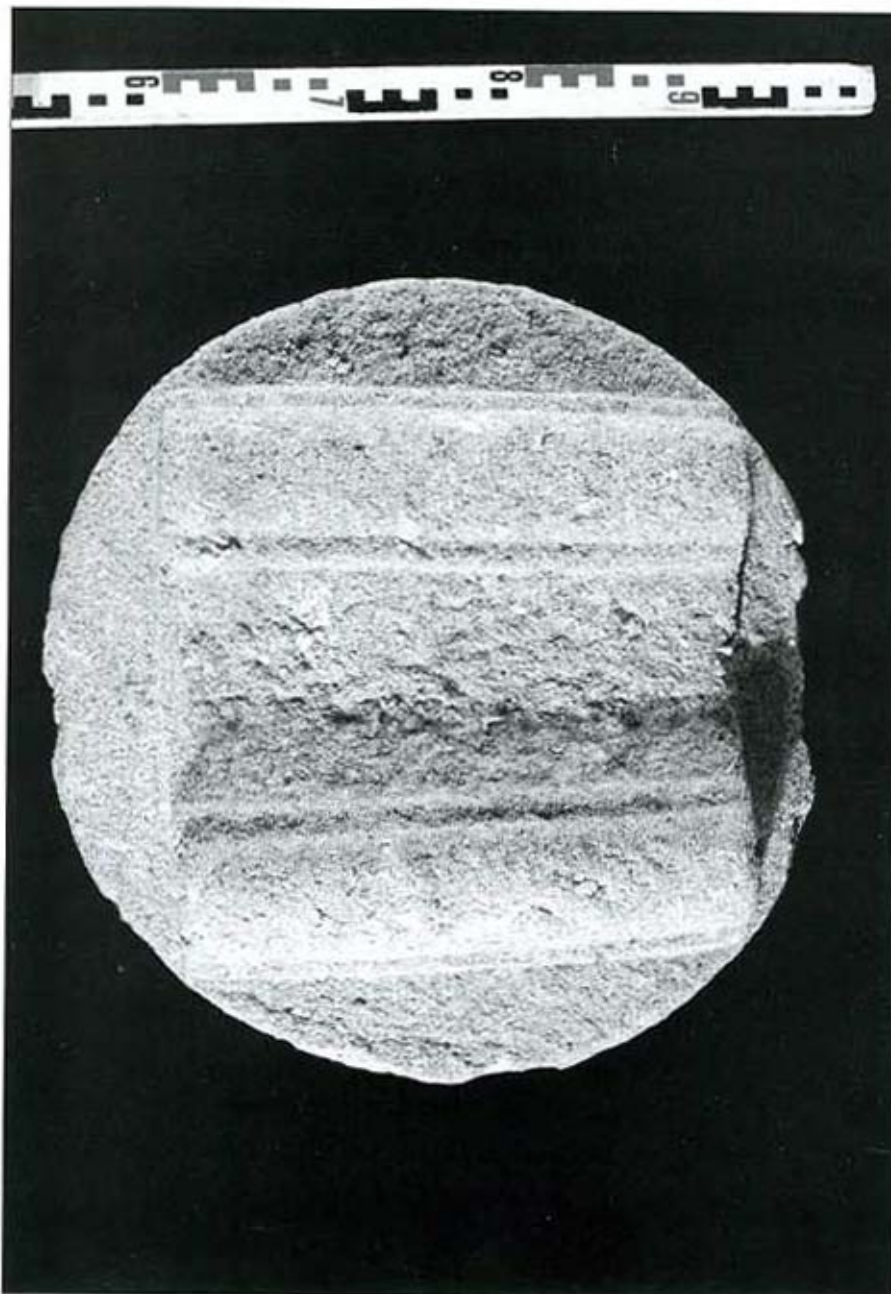


Fig. 3 – Parte superior do monumento.



Fig. 4 – Pormenor da *tabula ansata*, no início da inscrição.